



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de lançamento do Plano Agrícola e Pecuário 2010/2011**

Brasília-DF, 07 de junho de 2010

Meu caro companheiro Michel Temer, presidente da Câmara dos Deputados,

Meu caro companheiro Wagner Rossi, ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento,

Meu caro companheiro Guilherme Cassel, ministro do Desenvolvimento Agrário,

Deputados federais Afonso Hamm, Carlos Melles, Homero Pereira, Moacir Micheletto, Nelson Marquezelli e Silas Brasileiro,

Meu caro Pedro Arraes, presidente da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, nossa querida Embrapa,

Meu caro Haroldo Cunha, presidente da Associação Brasileira de Produtores de Algodão, Abrapa,

Senhoras e senhores dirigentes e integrantes do setor agrícola,

Companheiro Gilson, que chegou atrasado, mas chegou. Você foi muito elogiado pelo Wagner Rossi, então... Não é sempre que isso acontece.

Bem, como vocês sabem, eu tenho um discurso por escrito. Antes de ser feito, certamente, ele passou pelo crivo do Ministério da Agricultura, para saber se os números estavam corretos. E eu, Wagner, vou abrir mão de ler o meu discurso porque se é verdade que o seu pessoal ajudou a construí-lo, a verdade é que você já utilizou quase todos os números que estão embutidos aqui.

Uma coisa importante que eu queria dizer para vocês é que este é o último Plano Safra do meu governo. E é com muito orgulho que o estamos



lançando e ouvindo do ministro da Agricultura os elogios ao Plano que ele junto com outros ministérios construíram para que nós pudéssemos anunciá-lo hoje, aqui e agora. É importante lembrar que são quatro vezes e meia aquilo que foi o nosso primeiro Plano Safra, que era de apenas R\$ 24 bilhões. E é importante notar os avanços que aconteceram nesses últimos sete anos. Com problemas, com divergências, com mais dinheiro nos cofres ou com menos dinheiro nos cofres, com mais problemas de intempéries ou menos problemas de intempéries, a verdade é que tem momentos em que os agricultores estão melhores, o governo está menos melhor, e hora o governo está melhor e os produtores estão em uma situação mais difícil, porque depende da chuva, depende do sol, depende do financiamento, depende dos preços das *commodities* em nível internacional, então tem uma série de coisas que mexem com agricultura e, por isso, ela tem que ser tratada diferentemente de outros setores da atividade econômica brasileira. E disso já há uma compreensão, eu tenho certeza que, hoje, o Wagner Rossi tem menos problema na discussão com o ministério da Fazenda do que tinha o nosso querido companheiro Rodrigues no primeiro ano do nosso governo. Por quê? Porque todos nós aprendemos, todos nós ficamos mais maduros, todos nós passamos a nos respeitar, já não há as acusações baratas que havia no começo do governo, ora por desconfiança, ora por falta de conhecimento, ora por má-fé, ora por questão eminentemente político-eleitoral... Havia uma série de coisas que criavam uma confrontação, que hoje nós percebemos o quão ela foi desnecessária e o quanto ela pode atrapalhar o futuro se a gente não levar em conta o que o Brasil representa no mundo hoje.

É preciso que todo mundo tenha consciência da importância do Brasil no mundo hoje, e eu digo sempre que o problema de quem vai ganhando mais importância é que aumenta a sua responsabilidade. Os companheiros que trabalham com a produção de etanol sabem, perfeitamente bem, e eu não preciso dizer que não tem nenhum governo que os tratou com o respeito que



eu os tratei, inclusive, recuperando uma coisa chamada cidadania, que eles tinham perdido há muito tempo. E por que tinham perdido há muito tempo? Porque, neste país, por interesses eminentemente políticos, tinha governante que tinha vergonha de usineiros. Não tinha vergonha, possivelmente, de pedir dinheiro para campanha, mas tinha vergonha, depois, de dizer que era amigo de usineiro. Da mesma forma que tem político que tem vergonha de evangélico. Antes das eleições, todo evangélico é bom, depois das eleições, se puder, não recebe porque significa (incompreensível). Comigo não tem essa história. Ou seja, não é possível você governar um país deste tamanho com duas caras. Ou você tem uma cara única e você se mostra do jeito que ela é e faz as coisas do jeito que tem que ser feitas ou o Brasil não poderia dar certo. E todos nós, hoje, somos testemunhas de que este Brasil está dando certo. Está dando certo porque eu não tenho vergonha de chegar a qualquer país do mundo, defender o algodão brasileiro, defender a cana e o álcool brasileiros, defender a soja brasileira, defender o milho brasileiro, defender o empresário brasileiro. Não tenho nenhuma vergonha, e muito menos demérito. Sinto orgulho de defender as coisas que este país faz. E, na medida do possível, vamos trabalhando para que as coisas possam melhorar.

Então, não é à toa que o Brasil ocupa hoje um espaço extraordinário, extraordinário no mercado internacional, seja com a soja, com o milho, com o algodão, com o etanol e com tantos outros produtos, sabe, já nem falo carne, porque já passamos a ser o primeiro... e quando a gente passa a ser muito forte, a gente começa a ter adversários. Começa a ter adversários porque começa a ter inimigos. A Nova Zelândia não gosta que o Brasil esteja exportando tanta carne. A Austrália também não gosta. Os Estados Unidos também não gostam. E as pessoas começam a botar defeitos nos nossos produtos, e começam a criar casos, e começam a levar discussões à OMC, e começam a tentar evitar que o Brasil possa disputar em igualdades de condições.



Por que vocês pensam que nós não terminamos a Rodada de Doha, em outubro de 2008? Não terminamos porque tinha eleições nos Estados Unidos e, na época, o presidente Bush estava preocupado com o voto dos produtores rurais americanos. E também, porque o negociador da Índia, o Kamal, era candidato a governador e tinha eleições em maio de 2009, na Índia, e ele não queria arrumar nenhuma briga com os seus produtores agrícolas, e nós paramos a Rodada de Doha, que poderia ter ajudado muitos países pobres, e está paralisada desde outubro de 2008, quando nós já poderíamos estar pensando em outra coisa.

Bem, nós ainda podemos produzir muito mais. Quando a gente olha o mapa do Brasil, quando a gente olha a quantidade de milhões de hectares de terras agricultáveis que nós temos, quando a gente olha o crescimento econômico do mundo, quando a gente começa a imaginar mais chineses comendo, mais indianos comendo, mais africanos comendo, mais latino-americanos comendo e a gente olha que tem que aumentar a produção agrícola e a gente olha no mapa do mundo: onde é que a gente percebe que tem terra em condições de produzir muito mais alimentos? É exatamente no Brasil. É exatamente neste país. E é por isso que nós temos que ser cada vez mais profissionais, cada vez mais competitivos e cada vez mais donos do nosso nariz.

O Wagner Rossi, o Reinhold Stephanes, o companheiro Roberto Rodrigues e alguns de vocês sabem a angústia que a gente tem, de ter que importar praticamente 80% de todo o fertilizante que nós utilizamos. Não é possível que um país que queira ser a potência agrícola que nós queremos ser, a gente não seja dono do nosso nariz na área de produzir fertilizantes. E é por isso que eu penso que todos nós estaremos vivos nos próximos cinco anos para ver este país ser autossuficiente na produção de ureia, tão importante para nós.

Era importante saber que, há cinco anos, a gente discutia que a gente



não poderia produzir hidrogenados porque a gente não tinha gás. E hoje a gente já tem gás para produzir o nosso hidrogenado. Hoje, a briga não é se a gente tem ou não; hoje, a briga é saber qual é o estado que vai receber a planta de fertilizantes que nós queremos produzir, a planta de empresas para produzir o nosso fosfato, para produzir aquilo que é necessário para a agricultura. E nós estamos nos assenhoreando disso: construindo parcerias e fazendo com que empresas que até ontem achavam que não era da sua responsabilidade, como a Petrobras, comecem a assumir a responsabilidade de começar a produzir aquilo que nós precisamos, para que a gente tenha mais independência e para que a gente possa produzir melhor e mais barato para o povo brasileiro e para o mundo.

Então, nós temos que olhar esse papel extraordinário que o Brasil está exercendo no mundo. Eu diria que, hoje, nós temos uma preocupação – que eu dizia para o Temer – que nós precisamos começar a discutir, que é a compra de terras no Brasil por estrangeiros. Esse é um problema que nós precisamos começar a discutir. Porque, uma coisa é o cidadão vir, comprar uma usina, comprar fábrica; outra coisa é ele comprar a terra da fábrica, outra coisa é ele comprar a terra da soja, outra coisa é ele comprar a terra do minério. Daqui a pouco, nós estamos ficando com o nosso território diminuto. Essa é uma coisa, Temer, que nós vamos que... Já, já a alguns atrás, o ministro Jobim, o Tarso Genro, já foi criada uma equipe para gente começar a discutir como é que a gente se assenhoreia do nosso território e não permitir que haja abuso de compras de terras por estrangeiros, sobretudo da nossa terra mais produtiva.

Quando a gente olha para um cenário de médio prazo, eu acho que a gente poderia olhar e garantir que não há nenhuma razão para que tenha, no planeta Terra, um povo capaz de ser mais otimista do que o povo brasileiro. Porque é só olhar o que está acontecendo no mundo, e a gente olhar que está reservada ao Brasil, no século XXI, a recuperação do *status* que o Brasil tinha que ter no século XX e que jogou fora.



Porque, no século XX, embora de 1950 a 1980 a gente tenha sido a economia que mais cresceu no mundo, é verdade que esse crescimento econômico não significou distribuição de renda. E a verdade é que, quando nós chegamos aos anos 80, em vez de a gente ter feito uma política com justiça social, a gente tinha aumentado o número de pobres neste país, com uma dívida externa que qualquer um de nós aqui dizia, há vinte anos, que era totalmente impagável!

Este país, hoje, está em uma situação econômica de causar inveja a países muito ricos. É só assistir o que está acontecendo na Europa hoje, o que está acontecendo na Alemanha hoje. É só se lembrar que a gente ainda não resolveu o problema da crise de 2008. Uma parte daquela crise foi jogada embaixo do tapete, porque o sistema financeiro ainda não sofreu nenhuma regulação. E se quiserem modelo de regulação, não precisa procurar em nenhum lugar avançado do mundo; procurem no Brasil, que nós temos um sistema financeiro capaz de ser exemplar para o sistema financeiro europeu e para os americanos.

Então, este momento depende só de nós. Esses dias nós tivemos um problema com a carne, com os Estados Unidos, e tem uma equipe do Ministério da Agricultura lá. Eu dizia ao Wagner Rossi: Wagner, você tem que dizer para os nossos produtores de carne que se eles quiserem ocupar um espaço importante no mercado internacional, eles têm que ser muito mais responsáveis do que em qualquer outro momento da história eles pensaram em ser. Não apenas porque os estrangeiros querem comer carne da melhor qualidade do que nós, porque eu acho que até nisso nós temos mais sabor e mais paladar. É que eles são nossos concorrentes e o trabalho [deles] é tentar evitar que os nossos produtos possam chegar aos seus mercados ou chegar aos mercados de países que competem conosco. Tem uma briga política que nós precisamos compreender e uma briga econômica, que ela é muito forte.

Da mesma forma, quando a gente começou a discutir a exportação do



etanol brasileiro. Com qualquer governante estrangeiro que a gente conversa, eles querem saber da garantia de a gente suprir a demanda por combustível renovável. Se a gente não tiver essa garantia, a gente vai perder uma grande oportunidade de introduzir o etanol no mundo como a mais importante, a mais distribuidora de renda, a mais geradora de emprego das matrizes energéticas que este país descobriu.

Ainda agora que nós fomos ao estado do Pará fazer o lançamento da fábrica da Petrobras de biodiesel de palma do dendê. Ou seja, são praticamente, 38 ou 38,5 ou 35,8 milhões de hectares de terras degradadas que a gente pode recuperar para plantar combustível para exportar para o mundo utilizar combustível limpo. Em vez deste combustível fedido, deste mau cheiro do óleo diesel, o cheirinho de uma palma de dendê, de uma soja. Pensa que está fritando pastel e é um carro que está ligando o motor ali e está andando... É essa, é essa coisa, é essa coisa que a gente poderia chamar de inovação: é o Brasil, que é o modelo da inovação na questão. Eu fui agora, Temer, eu fui ao Rio de Janeiro em uma exposição da Michelin, eu andei em um caminhão, em um caminhão, sabe, tocado, totalmente, a óleo diesel de cana-de-açúcar.

Então, o potencial é extraordinário, a Embrapa, cuidando mais das nossas pesquisas, vai permitir que a gente se assenhore de uma fatia de mercado estupenda. Temer, pode ter certeza de uma coisa: a agricultura brasileira, ela está predestinada àquilo que os nossos avós diziam que o Brasil seria o celeiro do mundo, que o Brasil seria... Agora chegou a hora e a vez. Ora, era difícil o Brasil ser o celeiro do mundo se você tinha, se você tinha a China muito empobrecida, que não podia comer; se você tinha a Índia muito empobrecida, que não podia comer; se você tinha o continente africano muito empobrecido, o Brasil e a América Latina. Quando esta parte pobre do mundo começa a comer, eles vão comer alimento, eles vão comer... não vão comer a máquina que os alemães fazem. Eles vão comer são os grãos que nós



produzimos aqui.

É por isso que eu acho que nós precisamos aproveitar. Eu tenho brigado muito com os nossos empresários porque eu acho que muitas vezes a gente fica tentando disputar competição de mercado com alemães, com franceses, com ingleses, com italianos, quando nós temos um continente africano aberto, aqui, para a gente vender as nossas máquinas agrícolas. Vocês sabem que nós acabamos de aprovar e estender para a América Latina e para a África a mesma política do Finame para o produtor brasileiro, porque é a chance de a gente fazer as nossas máquinas agrícolas ganharem o mercado que, até então, era um mercado americano ou um mercado europeu. E, hoje, todo mundo sabe que em política internacional, neste mundo globalizado, não há espaço vazio. Se a gente ficar deitado em berço esplêndido esperando que o comprador passe aqui, nós vamos quebrar a cara, porque em qualquer lugar que a gente vai, os chineses estão ocupando. Quem quiser saber a política dos chineses vai pra a África ou aqui, na América Latina, para saber o que eles estão fazendo. Então, o Brasil precisa, Temer, ter uma ousadia maior, o Brasil precisa se compenetrar de que ele é um país grande, de uma economia grande, um país até sofisticado. Quando aconteceu a crise econômica, que o crédito desapareceu, o país como o Brasil deveria ter colocado crédito disponível para que países mais pobres que o Brasil pudessem comprar os nossos produtos, como fez a China, ou seja, eles não estão brincando em serviço, e nós também não podemos brincar em serviço.

Portanto, eu participo deste último evento, do lançamento do Plano Safra 2010-2011, com a convicção de que nós tivemos um avanço extraordinário, tivemos um avanço no governo, tivemos um avanço no meio empresarial, tivemos um avanço estupendo na agricultura familiar, tivemos um avanço estupendo na Embrapa, porque essa Embrapa também teve, em vários momentos, a ponto de pedir socorro, porque não tinha recurso. E nós sabemos que sem a tecnologia a gente não dá o passo que nós demos até agora.



Então, meu caro Wagner Rossi, eu fico satisfeito, eu... No ano que vem, quando vocês estiverem, aqui, recebendo quem tiver governando este país, com o ministro da Agricultura lançando um Plano Safra, eu só peço a Deus que eles tenham condições de fazer infinitamente melhor do que este último que nós fizemos. E nós precisamos tomar cuidado... Uma coisa que cabe a vocês também fazer... A gente tem que tomar cuidado para não construir os esqueletos que foram construídos ao longo da história deste país, porque na hora que a gente começa a discutir esqueletos, coisas que têm quase um valor arqueológico, como tem um osso de dinossauro, a gente deixa de discutir o futuro. Eu penso que inclusive isso, Temer, o nosso governo diminuiu substancialmente, eu acho que, hoje, o Wagner Rossi pode sentar em uma mesa junto com os empresários, o Guilherme pode sentar com a agricultura familiar e discutir as coisas “pão, pão, queijo, queijo” para o futuro e não ficar discutindo apenas as desgraças de outras épocas que não foram resolvidas. E é por isso que eu confio que a agricultura vai ter um significado extraordinário neste próximo momento de crescimento econômico do país.

É verdade que o Brasil será a quinta economia do mundo logo, logo, é verdade, e é verdade que quanto mais o Brasil vencer, mais pessoas vão exigir de nós. Não pensem que nada será dado de graça para nós. Essa Medida Provisória, essa brincadeira com o algodão, já teve com o açúcar, com a União Europeia... Diziam para mim: um presidente não pode fazer uma Medida Provisória colocando produtos americanos na lista para que a gente possa criar embargos... E nós fizemos a Medida Provisória, porque nós achamos que a lei existe para todos, independentemente do tamanho. Então, se o Brasil tem que cumprir, os americanos têm que cumprir, a Europa tem que cumprir, a Índia tem que cumprir, a China tem que cumprir.

Portanto, eu acho que nós estamos vivendo este bom momento, porque nós, todos juntos, fizemos por merecer este momento. Eu só peço a Deus que a gente não jogue fora o que a gente está construindo com muito sacrifício.



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

Boa sorte e parabéns, Wagner.

(\$211A)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**
